

Exercício 1

Os estatutos do homem (Ato Institucional Permanente)

A Carlos Heitor Cony

Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade.

Agora vale a vida,

E de mãos dadas,

Marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II

Fica decretado que todos os dias da semana,

Inclusive as terças-feiras mais cinzentas,

Têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

.../

Artigo VIII

Fica decretado que a maior dor

Sempre foi e será sempre

não poder dar-se amor a quem se ama

.../

Parágrafo único:

Só uma coisa fica proibida:

Amar sem amor.

(MELLO, Thiago de. *Os estatutos do homem*. São Paulo: Vergara & Riba, 2001.)

(G1 - epcar (Cpcar) 2021) A seguir são apresentadas referências a figuras de linguagem que podem ser encontradas em determinadas partes do texto. Assinale a alternativa em que a figura proposta **NÃO** se faz presente no trecho citado.

- a) No Artigo I encontra-se exemplo de aliteração.
- b) No Artigo VIII encontra-se exemplo de metonímia.
- c) No Artigo II encontra-se exemplo de metáfora.
- d) No Parágrafo Único encontra-se exemplo de paradoxo.

Exercício 2

(Unicamp 2019) "A noção de *programa genético* (...) desempenhou um papel importante no lançamento do Projeto Genoma Humano, fazendo com que se acreditasse que a decifração de um genoma, à maneira de um livro com instruções de um longo programa, permitiria decifrar ou compreender toda a natureza humana ou, no mínimo, o essencial dos mecanismos de ocorrência das doenças. Em suma, a fisiopatologia poderia ser reduzida à genética, já que toda doença seria reduzida a um ou diversos erros de programação, isto é, à alteração de um ou diversos genes".

(Edgar Morin, *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin. Rio de

Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2012, p. 157.)

A expressão *programa genético*, mencionada no trecho anterior, é

- a) uma alegoria, pois sintetiza os mecanismos moleculares subjacentes ao funcionamento dos genes e dos cromossomos no contexto ficcional de um programa de computador.
- b) uma analogia, pois diferencia os mecanismos moleculares subjacentes ao código genético e ao funcionamento dos cromossomos dos códigos de um programa de computador.
- c) uma metáfora, pois iguala toda a informação genética e os mecanismos moleculares subjacentes ao funcionamento e expressão dos genes com as instruções e os comandos de um programa.
- d) uma analogia, pois contrasta os mecanismos moleculares dos genes nos cromossomos e das doenças causadas por eles com as linhas de comando de um programa de computador.

Exercício 3

(Espcex (Aman) 2019) Assinale a alternativa em que a palavra "boca" apresenta sentido denotativo.

- a) Em boca fechada não entra mosquito.
- b) Não contem nada a ninguém! Boca de siri!
- c) Vestirei minha calça boca de sino.
- d) Na boca da noite tudo acontece.
- e) É proibido fazer boca de urna

Exercício 4

(Famema 2019) Leia o poema "Namorados" de Manuel Bandeira (1886-1968).

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

– Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com [a sua cara].

A moça olhou de lado e esperou.

– Você não sabe quando a gente é criança e de repente [vê uma lagarta listada]?

A moça se lembra:

– A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

– Antônia, você parece uma lagarta listada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

– Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

(*Estrela da vida inteira*, 2009.)

Verifica-se a ocorrência de personificação no seguinte verso:

- a) “– Antônia, você parece uma lagarta listada.”
- b) “A moça arregalou os olhos, fez exclamações.”
- c) “A meninice brincou de novo nos olhos dela.”
- d) “– Antônia, você é engraçada! Você parece louca.”
- e) “A moça olhou de lado e esperou.”

Exercício 5

(G1 - ifpe 2019) Leia o texto para responder à questão.

O AMOR COMEU MEU NOME

O amor comeu meu nome, minha identidade, meu retrato.
O amor comeu minha certidão de idade, minha genealogia, meu endereço.
O amor comeu meus cartões de visita.
O amor veio e comeu todos os papéis onde eu escrevera meu nome.
O amor comeu minhas roupas, meus lenços, minhas camisas.
O amor comeu metros e metros de gravatas.
O amor comeu a medida de meus ternos, o número de meus sapatos, o tamanho de meus chapéus. [...]
Faminto, o amor devorou os utensílios de meu uso: pente, navalha, escovas, tesouras de unhas, canivete. [...]
O amor comeu minha paz e minha guerra. Meu dia e minha noite. Meu inverno e meu verão. Comeu meu silêncio, minha dor de cabeça, meu medo da morte.

MELO NETO, J. C. Disponível em:

<<https://www.culturagenial.com/maiores-poemas-de-amor-literatura-brasileira/>>. Acesso em: 04 out. 2018.

A principal figura de linguagem utilizada na construção do poema de João Cabral de Melo Neto reproduzido, em parte, no texto é

- a) eufemismo, uma vez que os objetos devorados pelo amor são representações da realidade.
- b) hipérbole, já que o amor devora, de forma exagerada, vários objetos que fazem parte do cotidiano do eu lírico.
- c) prosopopeia, pois ao amor são atribuídas ações humanas.
- d) sinestesia, como se pode perceber pela repetição do verbo “comer” associado ao substantivo abstrato “amor”.
- e) metonímia, a qual é marcada pela relação entre “nome, identidade e retrato” (primeiro verso), pois há uma graduação entre esses termos.

Exercício 6

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do livro *A dança do universo*, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou

não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão. Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes, Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes.

Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus* (*Pequeno comentário*). Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seletiva. Ele acreditava plamente no ideal pitagórico de discrição; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quanto “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas.

(*A dança do universo*, 2006. Adaptado.)

(Unesp 2019) Em “Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador” (3º parágrafo), a expressão sublinhada constitui um exemplo de

- a) eufemismo.
- b) pleonasmo.
- c) hipérbole.
- d) metonímia.
- e) paroxo.

Exercício 7

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Mulher proletária

Jorge de Lima

Mulher proletária — única fábrica
que o operário tem, (fabrica filhos)
tu
na tua superprodução de máquina humana
forneces anjos para o Senhor Jesus,
¹forneces braços para o senhor burguês.

Mulher proletária,
o operário, teu proprietário
há de ver, há de ver:
a tua produção,
a tua superprodução,
ao contrário das máquinas burguesas,
salvar o teu proprietário.

LIMA Jorge de. *Obra Completa* (org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

(Uece 2019) Analisando o verso do poema “forneces braços para o senhor burguês” (ref. 1), a figura de linguagem que aí se destaca é

- a) catacrese, uma vez que, como não há um termo específico para o poeta expressar, de forma adequada, a ideia de “fornecer filhos”, ele se utiliza da expressão “fornecer braços”, lógica semelhante ao que se costuma usar em termos como “braços da cadeira”.
- b) metonímia, tendo em vista que o termo “braços” mantém com o termo “filhos” uma relação de contiguidade da parte pelo todo para o poeta destacar que o que mulher proletária fabrica é só uma parte do seu rebento, os “braços”, utilizados para proveito da atividade capitalista, e não “filhos”, na sua completude como seres humanos, para estabelecer com estes uma relação afetiva.
- c) hipérbole, já que o verso quer enfatizar a ideia de exagero de alguém fornecer inúmeros braços para o trabalho da indústria mercantil.
- d) prosopopeia, pois o poeta está personificando a máquina como se fosse uma mulher produtora de filhos.

Exercício 8

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Do Velho ao Jovem

Na face do velho
as rugas são letras,
palavras escritas na carne,
abecedário do viver.

Na face do jovem
o frescor da pele
e o brilho dos olhos
são dúvidas.

Nas mãos entrelaçadas
de ambos,
o velho tempo

funde-se ao novo,
e as falas silenciadas
explodem.

O que os livros escondem,
as palavras ditas libertam.
E não há quem ponha
um ponto final na história

Infinitas são as personagens...
Vovó Kalinda, Tia Mambene,
Primo Sendó, Ya Tapuli,
Menina Meká, Menino Kambi,
Neide do Brás, Cíntia da Lapa,
Piter do Estácio, Cris de Acari,
Mabel do Pelô, Sil de Manaíra
E também de Santana e de Belô
e mais e mais, outras e outros...

Nos olhos do jovem
também o brilho de muitas histórias.
E não há quem ponha
um ponto final no rap

É preciso eternizar as palavras
da liberdade ainda e agora...

Texto de Conceição Evaristo publicado no livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (Belo Horizonte: Nandyala, 2008).

(G1 - cp2 2019) Em “as rugas são letras” (linha 2), foi empregada como recurso estilístico a figura de linguagem

- a) antítese.
- b) hipérbole.
- c) metáfora.
- d) metonímia.

Exercício 9

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Coleção

Colecionamos objetos
mas não o espaço
entre os objetos

fotos
mas não o tempo
entre as fotos

selos
mas não
viagens

lepidópteros
mas não
seu voo

garrafas
mas não
a memória da sede

discos
mas nunca
o pequeno intervalo de silêncio
entre duas canções

MARQUES, Ana Martins. *O livro das semelhanças*. São Paulo:
Companhia das Letras, 2015.

(G1 - cp2 2019) Quanto aos termos relacionados no poema, pode-se identificar uma antítese entre

- a) "fotos" e "tempo".
- b) "selos" e "viagens".
- c) "silêncio" e "canções".
- d) "lepidópteros" e "voo".

Exercício 10

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Passeio à Infância

Primeiro vamos lá embaixo no córrego; pegaremos dois pequenos carás dourados. E como faz calor, veja, os lagostins saem da toca. Quer ir de batelão, na ilha, comer ingás? Ou vamos ficar bestando nessa areia onde o sol dourado atravessa a água rasa? Não catemos pedrinhas redondas para atiradeira, porque é urgente subir no morro; os sanhaços estão bicando os cajus maduros. É janeiro, grande mês de janeiro!

Podemos cortar folhas de pita, ir para o outro lado do morro e descer escorregando no capim até a beira do açude. Com dois paus de pita, faremos uma balsa, e, como o carnaval é só no mês que vem, vamos apanhar tabatinga para fazer formas de máscaras. Ou então vamos jogar bola-preta: do outro lado do jardim tem um pé de saboneteira.

Se quiser, vamos. Converta-se, bela mulher estranha, numa simples menina de pernas magras e vamos passear nessa infância de uma terra longe. É verdade que jamais comeu angu de fundo de panela?

Bem pouca coisa eu sei: mas tudo que sei lhe ensino. Estaremos debaixo da goiabeira; eu cortarei uma forquilha com o canivete. Mas não consigo imaginá-la assim; talvez se na praia ainda houver pitangueiras... Havia pitangueiras na praia? Tenho uma ideia vaga de pitangueiras junto à praia. Iremos catar conchas cor-de-rosa e búzios crespos, ou armar o alçapão junto do brejo para pegar papa-capim. Quer? Agora devem ser três horas da tarde, as galinhas lá fora estão cacarejando de sono, você gosta de fruta-pão assada com manteiga? Eu lhe vou aipim ainda quente com melado. Talvez você fosse como aquela menina rica, de fora, que achou horrível nosso pobre doce de abóbora e coco.

Mas eu a levarei para a beira do ribeirão, na sombra fria do bambual; ali pescarei piaus. Há rolinhas. Ou então ir descendo o rio numa canoa bem devagar e de repente dar um galope na correnteza, passando rente às pedras, como se a canoa fosse um cavalo solto. Ou nadar mar afora até não poder mais e depois

virar e ficar olhando as nuvens brancas. Bem pouca coisa eu sei; os outros meninos riram de mim porque cortei uma iba de assapeixe. Lembro-me que vi o ladrão morrer afogado com os soldados de canoa dando tiros, e havia uma mulher do outro lado do rio gritando.

Mas como eu poderia, mulher estranha, convertê-la em menina para subir comigo pela capoeira? Uma vez vi uma urutu junto de um tronco queimado; e me lembro de muitas meninas. Tinha uma que para mim uma adoração. Ah, paixão da infância, paixão que não amarga. Assim eu queria gostar de você, mulher estranha que ora venho conhecer, homem maduro. Homem maduro, ido e vivido; mas quando a olhei, você estava distraída, meus olhos eram outra vez daquele menino feio do segundo ano primário que quase não tinha coragem de olhar a menina um pouco mais alta da ponta direita do banco.

Adoração de infância. Ao menos você conhece um passarinho chamado saíra? É um passarinho miúdo: imagine uma saíra grande que de súbito aparecesse a um menino que só tivesse visto coleiros e curiós, ou pobres cambaxirras. Imagine um arco-íris visto na mais remota infância, sobre os morros e o rio. O menino da roça que pela primeira vez vê as algas do mar se balançando sob a onda clara, junto da pedra.

Ardente da mais pura paixão de beleza é a adoração da infância. Na minha adolescência você seria uma tortura. Quero levá-la para a meninice. Bem pouca coisa eu sei; uma vez na fazenda rira: ele não sabe nem passar um barbacacho! Mas o que sei lhe ensino; são pequenas coisas do mato e da água, são humildes coisas, e você é tão bela e estranha! Inutilmente tento convertê-la em menina de pernas magras, o joelho ralado, um pouco de lama seca do brejo no meio dos dedos dos pés.

Linda como a areia que a onda ondeou. Saíra grande! Na adolescência e torturaria; mas sou um homem maduro. Ainda assim às vezes é como um bando de sanhaços bicando os cajus de meu cajueiro, um cardume de peixes dourados avançando, saltando ao sol, na piracema; um bambual com sombra fria, onde ouvi um silvo de cobra, e eu quisera tanto dormir. Tanto dormir! Preciso de um sossego de beira de rio, com remanso, com cigarras. Mas você é como se houvesse demasiadas cigarras cantando numa pobre tarde de homem.

Julho, 1945

Crônica extraída do livro *200 crônicas escolhidas*, de Rubem Braga

(Efomm 2019) A opção em que o fragmento apresenta sentido figurado é:

- a) *Primeiro vamos lá embaixo no córrego; pegaremos dois pequenos carás dourados.*
- b) *Quer ir de batelão, na ilha, comer ingás?*
- c) *Eu lhe dou aipim ainda quente com melado.*
- d) *Lembro-me que vi o ladrão morrer afogado com os soldados de canoa dando tiros (...).*
- e) *Ah, paixão de infância, paixão que não amarga.*

Exercício 11

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Disponível em: <<http://filosofiacoopervista.blogspot.com/2015/11/charges-da-internet.html>>
Acesso em: 02 de set de 2018.

(G1 - ifsul 2019) A figura de linguagem que fundamenta o humor do texto é

- a) ironia.
- b) hipérbole.
- c) eufemismo.
- d) prosopopeia.

Exercício 12

(Fuvest) Leia o trecho de uma canção de Cartola, tal como registrado em gravação do autor:

(...)

Ouça-me bem, amor,
Preste atenção, o mundo é um moinho,
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos,
Vai reduzir as ilusões a pó.

Preste atenção, querida,
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares, estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés.

Cartola, "O mundo é um moinho".

- a) Na primeira estrofe, há uma metáfora que se desdobra em outras duas. Explique o sentido dessas metáforas.
- b) Caso o autor viesse a optar pelo uso sistemático da segunda pessoa do singular, precisaria alterar algumas formas verbais. Indique essas formas e as respectivas alterações.

Exercício 13

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

NO PRINCÍPIO DO FIM

Há ruídos que não se ouvem mais:

- o grito desgarrado de uma locomotiva na madrugada
- os apitos dos guardas-noturnos quadriculando como um mapa a cidade adormecida
- os barbeiros que faziam cantar no ar suas tesouras
- a matraca do vendedor de cartuchos
- a gaitinha do afiador de facas
- todos esses ruídos que apenas rompiam o silêncio.

E hoje o que mais se precisa é de silêncios que interrompam o ruído.

Mas que se há de fazer?

Há muitos - a grande maioria - que já nasceram no barulho. E nem sabem, nem notam, por que suas mentes são tão atordoadas, seus pensamentos tão confusos. Tanto que, na sua bebedeira auricular, só conseguem entender as frases repetitivas da música pop. E, se esta nossa "civilização" não arrebentar, acabamos um dia perdendo a fala - para que falar? para que pensar? - ficaremos apenas no batuque: "Tan! tan! tan! tan! tan!" (QUINTANA, Mario. *Prosa e verso*. 6ª ed. São Paulo: Globo, 1989.)

6. (Ufrj) A propósito da passagem:

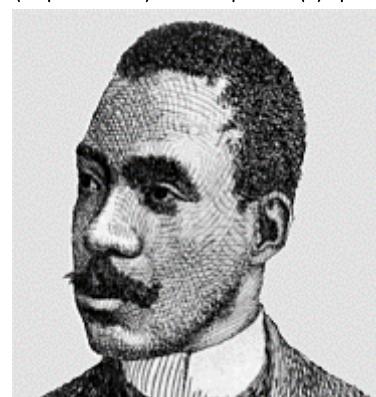
"Tanto que, na sua bebedeira auricular só conseguem entender as frases repetitivas da música pop. E, se esta nossa 'civilização' não arrebentar, acabamos um dia perdendo a fala - para que falar? Para que pensar? - ficaremos apenas no batuque: 'Tan! tan!tan! tan! tan!'"

a) Nesse fragmento, Mario Quintana faz uso de figuras de linguagem. Indique duas.

b) De que maneira a utilização dessas figuras contribui para estruturar a argumentação do autor sobre o tema?

Exercício 14

(Espm 2017) Texto para a(s) questão(ões) a seguir.



Acrobata da Dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
como um palhaço, que desengonçado,
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
agitá os guizos, e convulsionado
salta,¹ gavroche, salta clown, varado
pelo² estertor dessa agonia lenta...

Pedem-se bis e um bis não se despreza!
Vamos! retesa os músculos, retesa
nessas macabras piruetas d'aço...

E embora caias sobre o chão,³ fremente,
afogado em teu sangue⁴ estuoso e quente,
ri! Coração, tristíssimo palhaço.

(Cruz e Sousa)

¹**gavroche**: garotos de Paris, figuradamente artista.

²**estertor**: respiração anormal própria de moribundos.

³**fremento**: vibrante, agitado, violento.

⁴**estuoso**: que ferve, ardente, febril.

Assinale a alternativa em que a indicação entre parênteses **não** está de acordo com o verso:

- a) "Gargalha, ri, num riso de tormenta," (pleonasmo vicioso)
- b) "salta, gavroche, salta clown, varado" (assonânciâ)
- c) "Da gargalhada atroz, sanguinolenta," (sinestesia)
- d) "nessas macabras piruetas d'aço..." (metáfora)
- e) "afogado em teu sangue estuoso e quente," (aliteração)

Exercício 15

(Fuvest 2017) Considere a imagem abaixo, extraída da apresentação do filme A Amazônia, que faz parte da campanha "A natureza está falando".



No áudio desse filme, a atriz Camila Pitanga interpreta o seguinte texto:

Eu sou a Amazônia, a maior floresta tropical do mundo. Eu mando chuva quando vocês precisam. Eu mantendo seu clima estável. Em minhas florestas, existem plantas que curam suas doenças. Muitas delas vocês ainda nem descobriram. Mas vocês estão tirando tudo de mim. A cada segundo, vocês cortam uma das minhas árvores, enchem de sujeira os meus rios, colocam fogo, e eu não posso mais proteger as pessoas que vivem aqui. Quanto mais vocês tiram, menos eu tenho para oferecer. Menos água, menos curas, menos oxigênio. Se eu morrer, vocês também morrem, mas eu cresceri de novo...

- a) Por estar em primeira pessoa, o texto constitui exemplo de uma determinada figura de linguagem. Identifique essa figura e explique seu uso, tendo em vista o efeito que o filme visa alcançar.
- b) No referido áudio, é possível perceber, no final da locução da atriz, uma entonação especial, representada na transcrição por meio de reticências. Tendo em vista que uma das funções desse sinal de pontuação é sugerir uma ideia não expressa que cabe ao leitor inferir, identifique a ideia sugerida, neste caso.

Exercício 16

(Ufpr 2020)

O jogo do salário mínimo

[...] Em menos de trinta minutos, dois times centenários do futebol carioca, Bonsucesso e Olaria, vão se enfrentar num jogo-treino, na preparação para a disputa da segunda divisão do campeonato do Rio.

¹Na arena vazia, os jogadores vivem a desigualdade salarial do futebol brasileiro. Na esperança de chegar a um clube grande, os 22 atletas em campo correm no estádio em troca de um salário mínimo (998 reais) na carteira assinada – ²isso quando não há atraso no pagamento. Juntos, ganham cerca de 22 mil reais – menos de 2% do salário mensal de uma estrela como o atacante Gabriel Barbosa, o Gabigol, do Flamengo. Longe do ³glamour dos estádios padrão Fifa, os 22 em campo no chamado Clássico da Leopoldina, ⁴em referência à antiga linha de trem, são um retrato do precário mercado de trabalho da bola no Brasil.

Levantamento do antigo Ministério do Trabalho revela que a maioria (54%) dos jogadores de futebol do país empregados em 2017 recebia até três salários mínimos (2.811 reais). Os dados constam da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) de 2017.

[...]

A estatística do antigo Ministério do Trabalho é o único levantamento que tenta mapear os salários no futebol brasileiro.

⁵A CBF fazia uma pesquisa parecida, mas deixou de publicar por causa das distorções criadas pelos contratos de direito de imagem. Segundo a última edição do trabalho da entidade que comanda o futebol nacional, mais de 80% dos jogadores de futebol ganhavam até 1 mil reais por mês em 2016. ⁶Sem citar nomes, a CBF informou que apenas um jogador recebia mais de 500 mil reais, mas o número estava longe da realidade, e o mesmo se pode dizer dos dados da RAIS. O salário em carteira é só uma parte do que os atletas recebem, pois o principal vem dos direitos de imagem e patrocínios.

Mas essa é uma realidade dos clubes grandes. Em clubes como Bonsucesso e Olaria, não há direitos de imagem, já que não há imagem a ser vendida. Os patrocinadores estão mais para pequenos comerciantes locais do que para grandes financiadores do futebol.

(Sérgio Rangel. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-jogo-do-salario-minimo/>. 31/05/2019.)

Com base no texto, identifique como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmativas:

() A expressão "na arena vazia" (ref. 1) encontra-se em relação de oposição metafórica com a expressão "glamour dos estádios padrão Fifa" (ref. 3).

() Ainda que os jogadores de clubes como Bonsucesso e Olaria sujeitem-se aos baixos salários, eles mantêm no horizonte a aspiração aos grandes clubes.

() O autor do texto traz a lume denúncias de jogadores acerca das disparidades salariais no mundo do futebol.

() O desequilíbrio entre o que um jogador-estrela recebe no Brasil em relação ao contingente dos demais jogadores fundamenta-se na variável direitos de imagem.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

- a) V – V – F – V.
- b) V – F – V – F.
- c) F – V – F – V.
- d) F – F – V – V.
- e) V – V – V – F.

Exercício 17

(Ufpr 2017)

A épica narrativa de nosso caminho até aqui

Quando viajamos para o exterior, muitas vezes passamos pela experiência de aprender mais sobre o nosso país. Ao nos deparamos com uma realidade diferente ¹daquela em que estamos imersos cotidianamente, o estranhamento serve de alerta: deve haver uma razão, um motivo, para que as coisas funcionem em cada lugar de um jeito. Presentes diferentes só podem resultar de passados diferentes. Essa constatação pode ser um poderoso impulso para conhecer melhor a nossa história. Algo assim vem ocorrendo no campo de estudos sobre o Sistema Solar. O florescimento da busca de planetas extrassolares – aqueles que orbitam em torno de outras estrelas – equivaleu a dar uma espiadinha no país vizinho, para ver como vivem “seus habitantes”. Os resultados são surpreendentes. Em certos sistemas, os planetas estão tão perto de suas estrelas que completam uma órbita em poucos dias. Muitos são gigantes feitos de gás, e alguns chegam a possuir mais de seis vezes a massa e quase sete vezes o raio de Júpiter, o grandalhão do nosso sistema. Já os nossos planetas rochosos, classe em que se enquadram Terra, Mercúrio, Vénus e Marte, parecem ser mais bem raros do que imaginávamos a princípio.

A constatação de que somos quase um ponto fora da curva (pelo menos no que tange ao nosso atual estágio de conhecimento de sistemas planetários) provocou os astrônomos a formular novas teorias para explicar como o Sistema Solar adquiriu sua atual configuração. ²Isso implica responder perguntas tais como quando se formaram os planetas gasosos, por que estão nas órbitas em que estão hoje, de que forma os planetas rochosos surgiram etc.

Nosso artigo de capa traz algumas das respostas que foram formuladas nos últimos 15 a 20 anos. Embora não sejam consensuais, teorias como o Grand Tack, o Grande Ataque e o Modelo de Nice têm desfrutado de grande prestígio na comunidade astronômica e oferecem uma fascinante narrativa da cadeia de eventos que pode ter permitido o surgimento da Terra e, em última instância, da vida por aqui. [...]

(Paulo Nogueira, editorial de *Scientific American* – Brasil – nº 168, junho 2016.)

Ser “quase um ponto fora da curva” significa:

- a) ser rochoso.
- b) ser gasoso.
- c) levar poucos dias para completar a órbita.
- d) orbitar em torno de uma estrela diferente do Sol.
- e) estar em um estágio pouco avançado de conhecimento de sistemas planetários.

Exercício 18

Um poema de Vinicius de Moraes

A flutuação do gosto em relação aos poetas é normal, como é normal a sucessão dos modos de fazer poesia. Pelo visto, Vinicius de Moraes anda em baixa acentuada. Talvez o seu prestígio tenha

diminuído porque se tornou cantor e compositor, levando a opinião a considerá-lo mais letrista do que poeta. Mas deve ter sido também porque encarnou um tipo de poesia oposto a certas modalidades para as quais cada palavra tende a ser objeto autônomo, portador de maneira isolada (ou quase) do significado poético.

Na história da literatura brasileira ele é um poeta de continuidades, não de rupturas; e o nosso é um tempo que tende à ruptura, ao triunfo do ritmo e mesmo do ruído sobre a melodia, assim como tende a suprimir as manifestações da afetividade. Ora, Vinicius é melodioso e não tem medo de manifestar sentimentos, com uma naturalidade que deve desgostar as poéticas de choque. Por vezes, ele chega mesmo a cometer o pecado maior para o nosso tempo: o sentimentalismo. Isso lhe permitiu dar estatuto de poesia a coisas, sentimentos e palavras extraídos do mais singelo cotidiano, do coloquial mais familiar e até piegas, de maneira a parecer muitas vezes um seresteiro milagrosamente transformado em poeta maior. João Cabral disse mais de uma vez que sua própria poesia remava contra a maré da tradição lírica de língua portuguesa. Vinicius seria, ao contrário, alguém integrado no fluxo da sua corrente, porque se dispôs a atualizar a tradição. Isso foi possível devido à maestria com que dominou o verso, jogando com todas as suas possibilidades.

Ele consegue ser moderno usando metrificação e cultivando a melodia, com uma imaginação renovadora e uma liberdade que quebram as convenções e conseguem preservar os valores coloquiais. Rigoroso como Olavo Bilac, fluido como o Manuel Bandeira dos versos regulares, terra a terra como os poemas conversados de Mário de Andrade, esse mestre do soneto e da crônica é um 2raro malabarista.

ANTONIO CANDIDO. Adaptado de Teoria e debate, nº 49. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, out-dez, 2001.

(Uerj 2019) Com base nas ideias apresentadas no texto, a metáfora um raro malabarista (ref. 2) sugere que o poeta articula os seguintes aspectos em sua poesia:

- a) humor e seriedade
- b) tradição e inovação
- c) erudição e formalismo
- d) musicalidade e silêncio

Exercício 19

(Unicamp 2017) Leia o texto a seguir e responda às questões. Os anos correm entre um século e outro, mas os problemas permanecem os mesmos para os kalungas*. Quilombolas** que há mais de anos encontraram lar entre os muros de pedra da Chapada dos Veadeiros, na região norte do Estado de Goiás, os kalungas ainda vivem com pouca ou quase nenhuma infraestrutura. De todos os abusos sofridos até hoje, um em particular deixa essa comunidade em carne viva: os silenciosos casos de violência sexual contra meninas. Entretanto, passado o afã das denúncias de abuso sexual que figuraram em grandes reportagens da imprensa nacional em abril do ano passado, a comunidade retornou ao seu curso natural. E assim os kalungas continuam a viver no esquecimento, no abandono e, principalmente, no medo. As vítimas não viram seus algozes

punidos. O silêncio prevalece e grita alto naquelas que se arriscaram a mostrar suas feridas. O sentimento é o de ter se exposto em vão.

Adaptado de Jéssica Raphaela e Camila Silva, O silêncio atrás da serra. Revista Azmina. Disponível em <http://azmina.com.br/secao/osilencio-atras-da-serra/>. Acessado em 03/10/ 2016.

* Kalungas: habitantes da comunidade do quilombo Kalunga, maior território quilombola do país.

** Quilombolas: termo atribuído aos “remanescentes de quilombos”. Atualmente, há no Brasil cerca de comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural dos Palmares.

a) Identifique no texto dois motivos para o sofrimento histórico vivido pela comunidade quilombola Kalunga.

b) No final do texto há uma figura de linguagem conhecida como paradoxo. Quais termos são utilizados para se obter esse efeito de sentido?

Exercício 20

Texto I



(Denilson Baniwa, *Repovoamento da memória de uma cidade-floresta*, 2021, Mural Lambe-lambe, 3,80m x 12m. Disponível em <https://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2019/03/23-Denilson-Baniwa.jpeg>. Acessado em 05/07/2021.)

Texto II

Para que as memórias e tradições permaneçam vivas, o Museu da Pessoa, a Rádio Yandê e Ailton Krenak vão realizar uma formação virtual em memória e mídias para que jovens das comunidades originárias registrem as histórias de vida de seus anciões e anciãs. O ditado “Cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” é válido para os povos indígenas, portanto nosso lema é “Cada ancião que se preserva é uma biblioteca que se salva”. Na tradição dos povos indígenas, todo conhecimento de plantas, de cura, de mitos e narrativas é produzido de maneira oral. “A gente não sabe até quando que vão ter esse conhecimento completo. A gente vai morrendo e vai se apagando tudo. A gente não é igual vocês, que fica tudo guardado em algum lugar (...)” (Awapataku Waura, ancião e pajé do povo Waura).

(Adaptado de “Projeto Vidas Indígenas”, vídeo institucional do Museu da Pessoa, sobre registro de narrativas orais indígenas. Disponível em: <https://benfeitoria.com/vidasindigenas>. Acessado em 04/04/2021.)

(Unicamp 2022) No texto II (Projeto Vidas Indígenas), é utilizada uma metáfora que relaciona “ancião” e “biblioteca”. As citações a seguir tratam da importância de anciões e anciãs indígenas para a transmissão do conhecimento. Assinale aquela que também faz uso de uma metáfora.

- a) “Perder um ancião é o mesmo que fechar um livro. Ou mesmo queimar um livro” (Comissão Pró-Índio, Twitter, via @g1).
- b) “Morte de anciões indígenas na pandemia pode fazer línguas inteiras desaparecerem” (manchete da BBC Brasil News).
- c) “A morte de uma anciã ou um ancião é tratada como se uma biblioteca fosse perdida” (site “Racismo Ambiental”).
- d) “Nikaiti Mekranotire é mais uma vítima do covid-19. Perdemos uma encyclopédia” (Mayalú Txucarramãe, Twitter)

GABARITO

Exercício 1

b) No Artigo VIII encontra-se exemplo de metonímia.

Exercício 2

c) uma metáfora, pois iguala toda a informação genética e os mecanismos moleculares subjacentes ao funcionamento e expressão dos genes com as instruções e os comandos de um programa.

Exercício 3

a) Em boca fechada não entra mosquito.

Exercício 4

c) “A meninice brincou de novo nos olhos dela.”

Exercício 5

c) prosopopeia, pois ao amor são atribuídas ações humanas.

Exercício 6

e) paradoxo.

Exercício 7

b) metonímia, tendo em vista que o termo “braços” mantém com o termo “filhos” uma relação de contiguidade da parte pelo todo para o poeta destacar que o que mulher proletária fabrica é só uma parte do seu rebento, os “braços”, utilizados

para proveito da atividade capitalista, e não "filhos", na sua completude como seres humanos, para estabelecer com estes uma relação afetiva.

Exercício 8

c) metáfora.

Exercício 9

c) "silêncio" e "canções".

Exercício 10

e) *Ah, paixão de infância, paixão que não amarga.*

Exercício 11

a) ironia.

Exercício 12

a) A metáfora "o mundo é um moinho" é desenvolvida em duas outras - "vai TRITURAR teus sonhos...", "vai REDUZIR as ilusões a pó". O sentido é a destruição dos sonhos.

b) "Preste" deve ficar "presta" (duas vezes) e "ouça", "ouve".

Exercício 13

a) Metáfora e ironia.

b) Utilizando-se da metáfora, Mário Quintana compara o estado de quem se acha perturbado, zonzo, atordoado, por causa do barulho, com o estado de bebedeira de alguém que, nesta situação, também se mostra tonto, confuso, transtornado. Já a ironia destaca-se, por exemplo, quando o autor coloca a palavra civilização entre aspas para revelar que o homem, ao se acostumar com o barulho, perde a fala, o poder de pensar, o que o afasta da comunicação e, consequentemente, de uma vida civilizada. As perguntas e a exploração da onomatopeia - "Tan! tan! tan!tan! tan!" - também se apresentam como recursos reveladores da ironia.

Exercício 14

a) "Gargalha, ri, num riso de tormenta," (pleonasmo vicioso)

Exercício 15

a) O texto constitui exemplo da figura de linguagem personificação ou prosopopeia. Seu uso visa dar voz à Floresta Amazônica, com o objetivo de aproximar o expectador de sua realidade, levando-o a comover-se com a situação imposta à floresta, a de destruição; movendo-o a tornar-se um dos defensores de seu ecossistema.

b) O uso das reticências nesse caso deixa implícita a ideia de que a Floresta renascerá, mas os seres humanos, não.

Exercício 16

a) V – V – F – V.

Exercício 17

a) ser rochoso.

Exercício 18

b) tradição e inovação

Exercício 19

a) Segundo o texto, a comunidade quilombola Kalunga vive em condições precárias e enfrenta casos de violência sexual contra meninas, que, por não serem punidos pelas instâncias judiciais, geram o medo naquelas que se expuseram ao denunciar esses crimes.

b) O paradoxo (raciocínio aparentemente lógico, mas que contém contradições em sua estrutura) está presente na aproximação entre os termos "silêncio" e "grita": "O silêncio prevalece e grita alto".

Exercício 20

d) "Nikaiti Mekranotire é mais uma vítima do covid-19. Perdemos uma enciclopédia" (Mayalú Txucarramãe, Twitter)